

***RUROUNI KENSHIN – CRÔNICAS DA ERA MEIJI, DE NOBUHIRO WATSUKI:
PERSONAGENS E REPRESENTAÇÕES DA HISTÓRIA DO JAPÃO.***

RESUMO

A comunicação tem por temática a ambientação no final do shogunato Tokugawa e a instauração da era Meiji no Japão, utilizando-se da narrativa proposta pelo mangá “*Rurouni Kenshin – Crônicas da Era Meiji*”, de Nobuhiro Watsuki. Pretendo desenvolver análise de alguns personagens que estão inseridos no mangá, e destes, discutir a construção histórica que se realiza sobre esse período dos anos de 1854 até 1878, o qual é conhecido como o de modernização e ocidentalização do Japão. Mangás são produtos de mídia cultural que nos informam e permitem a aproximação sobre assuntos dos mais diversos, abordando desde a cultura, seus hábitos e costumes, como ainda sua organização social, e até mesmo curiosidades outras, como sua arquitetura e alimentação. Os mangás estabeleceram pontes entre nossas realidades globalizadas, e a análise das personagens pretende compreender a maneira como estes atuam para corroborar discursos sobre a história, alimentando imaginários de mundo. A análise dos personagens é importante no que tange discutir quais são os sentidos que representam, se abraçam o discurso da história geral sobre o Japão, se o contestam, como se relacionam a um possível nacionalismo e a uma memória sobre esse período. É também realizado um levantamento bibliográfico inicial sobre a história do Japão, visto que a fonte primária aborda justamente um processo da história japonesa a que pouco temos conhecimento. Por esse motivo, o tema histórico abordado no mangá e a maneira como ele constrói o passado é enriquecedor para discutir nossa própria concepção de consciência histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Mangá; Análise de Personagem; História.

“*Rurouni Kenshin – Crônicas da Era Meiji*”, de Nobuhiro Watsuki é a fonte principal de estudos desse artigo, está situado no ano 11 da Era Meiji (1878), na cidade de Tóquio. Em seus volumes, a história já está ambientada em uma nova era, que prometia prosperidade, igualdades e tudo que a democracia ocidental pudesse oferecer. Porém, o processo para a chegada dessa nova era foi marcado por conflitos, jogos de poder e conspirações, que ceifou milhares de vidas. Esse episódio da história japonesa é conhecido como “*Bakumatsu*”, literalmente, final do Shogunato. Um turbilhão caótico, como Watsuki diz em suas primeiras páginas, que aproveitou a situação gerada pela chegada dos Navios Negros (*kurofune*, em japonês), capitaneados por Matthew Perry. Perry era capitão, a alta patente da marinha americana, mas lhe foi concedido o título honorário de *Comodoro* pelo governo norte-

americano, “*de modo a melhor impressionar as autoridades japonesas e facilitar o lado diplomático de sua tarefa.*” (SETTE, 1991, p. 61). A chegada dos Navios Negros foi o estopim que iria culminar no fim do período de paz, quase 300 anos, que o Shogunato dos Tokugawa havia trazido para o Japão. Mas antes de entrarmos na Era Meiji e na análise do mangá, faremos uma apresentação de como foi instaurado o Shogunato Tokugawa, sua política de isolamento, bem como seu fim e a era que se sucedeu. Conhecer, portanto, esse período histórico caótico, que foi o principal responsável na abertura do Japão para o ocidente e garantiu seu processo de modernização.

A INSTAURAÇÃO DO SHOGUNATO

Iniciada por Nobunaga Oda em 1560, a unificação do Japão se consolidou após um longo período de guerra civil. Nobunaga Oda, Hideyoshi Toyotomi e Ieyasu Tokugawa foram os grandes responsáveis no processo da pacificação e unificação da nação. Após o assassinato de Nobunaga em 1582, Hideyoshi assume o poder, os vassalos e as terras conquistadas por Nobunaga, contando ainda com o apoio de Tokugawa. A ascensão de Hideyoshi foi de extrema importância para a história do Japão. Sette explica que:

Os dez anos entre 1582 e 1592 foram fundamentais para a história do Japão. Hideyoshi continuou a expandir o poder que herdara de Nobunaga, conquistando Shikoku e levando suas forças até a ilha de Kyushu, onde obrigou o orgulhoso clã de Satsuma à submissão.

Completou a destruição do poderio político e militar das grandes seitas budistas, tarefa que fora iniciada com implacável violência por Nobunaga, arrasando o mosteiro e as fortificações que os monges haviam construído em Osaka. No local, fez erguer um castelo que servia não só como uma de suas residências palaciais, mas era também fortaleza que defendia Kyoto pelo lado oeste e assim protegia o seu domínio sobre a residência do Imperador. (Sette, 1991, p. 11)

Hideyoshi foi um grande sucessor de Nobunaga, tinha capacidade de comando e força militar. Em setembro de 1598, aos 63 anos de idade, veio a falecer após meses de enfermidade. Deixou seu filho, Hideyori, um menino que não tinha a idade para governar sob os cuidados do “*Conselho dos Cinco, instituído por Hideyoshi para governar o país até que a maioria do seu filho.*”. (SETTE, 1991, p. 14). O conselho era formado por cinco daimyo (grandes senhores e vassalos direto do imperador), antigos aliados de Hideyoshi. O maior de todos, mais influente e com grande poder militar, era Ieyasu Tokugawa. “*Após a morte de Hideyoshi, o prestígio de Ieyasu continua a aumentar e seus domínios ameaçam a hegemonia*

do clã Toyotomi.” (YAMASHIRO, 1997, p. 174). Começa uma disputa entre os partidários de Hideyoshi e seu filho contra Ieyasu, e “*em meio a esse ambiente envenenado por conjuras, um conspirador-mor tentou, por duas vezes, assassinar Ieyasu.*” (SETTE, 1991, p. 28). Em meio a essas desavenças:

Os dois grupos rivais mobilizam forças de todo o país e, em 1600, trava-se a batalha decisiva de Sekigahara. O Japão, dividido em dois campos opostos, joga sua sorte. Os exércitos do Leste, comandados por Ieyasu, totalizando 100 mil homens, defrontam-se com as forças do Oeste em número de 80 mil, sob o comando de Mitsunari Ishida e outros chefes guerreiros partidários de Toyotomi. (YAMASHIRO, 1997, p. 174-175).

Sekigahara, localizada na atual província de Gifu, foi o palco da ascensão dos Tokugawa ao poder e um passo gigantesco para a instauração do bakufu. Essa batalha é importante não somente pelo caráter militar, mas também pelo aspecto político que desempenhou na história da unificação japonesa. Nessa batalha foi arriscado não apenas a sorte dos Tokugawa e Toyotomi, mas também dos daimyo que os apoiavam, trazendo a tona interesses regionais e feudais. “*Os dois lados lutam com toda a astúcia política; há deserções e traições, ao lado do heroísmo e bravura de fiéis guerreiros de um e de outro lado.*” (YAMASHIRO, 1997, p. 175). A batalha termina com a vitória absoluta de Tokugawa. Os exércitos do Oeste são desbaratados e fogem para suas bases ou totalmente aniquilados no campo de batalha. Muitos dos generais importantes morreram na lutando ou praticando o haraquiri, que é a morte auto infligida, por decisão pessoal ou sugestão (ordem) superior.

Ao final,

todos os chefes feudais partidários de Toyotomi são castigados de uma ou outra maneira. Perdem a vida, a propriedade ou sofrem redução em seus territórios, ou ainda são transferidos de um feudo para outro menor, a critério do novo senhor de fato do país. Tokugawa domina o Japão. (YAMASHIRO, 1997, p. 175).

E em 1603, Ieyasu Tokugawa é nomeado grande Shogun e Shogun supremo pela corte, iniciando, de fato, o bakufu, o Shogunato Tokugawa, comandando o poder político e militar. Torna Edo, atual Tóquio, a capital política e centro cultural do Japão.

Os aliados de Toyotomi nutriam um sentimento de repúdio ainda maior por Ieyasu devido à evolução dos acontecimentos. O pequeno Hideyori Toyotomi ainda estava vivo e residia no castelo de Osaka, que foi a capital de seu pai. Cercado pelos simpatizantes de seu

pai, era um personagem importante que poderia ser foco de uma revolta, ainda que temporariamente manipulável pelos despossuídos e descontentes. Ieyasu deixou os anos correrem, vigiando Hideyori, espionando, observando todos os passos, lendo as correspondências, subornando seus criados, registrando as visitas que ele recebia. Quando Hideyori atingiu a maioridade, a idade da guerra, Ieyasu criou o pretexto para iniciar um conflito contra o menino, em Osaka, com o intuito de esmagar toda e qualquer força opositora. E no inverno de 1614 Ieyasu atacou Osaka.

Para defender-se, Hideyori pouco podia contar com a ajuda dos daymio, agora obedientes aos Tokugawa, por convicção, conveniência ou temor. Com os seus recursos, entretanto, teve facilidade de recrutar um grande exército de ronin, samurai sem amo, soldadesca abundante e desempregada depois das guerras em que tantos senhores haviam perdido a vida ou recebido ordem para terminá-la. Os ronin eram gente que nada tinham a perder, faminta e desesperada, em boa parte movida pelo ódio aos que haviam morto os seus chefes. (SETTE, 1991, p. 30).

No verão de 1615, as forças de Toyotomi são completamente derrotadas. Hideyori e seus principais generais aliados morreram em combate ou cometendo haraquiri. O legado conquistado e deixado por Hideyoshi não durou mais que duas gerações. Com a derrota dos Toyotomi, a última ameaça ao seu poder, o Shogunato Tokugawa finalmente está alicerçado e imposto. Em 1616 falece Ieyasu, o homem que fundou os alicerces do novo bakufu. Seu legado e o nome Tokugawa dominariam o Japão por mais de dois séculos e meio. O Shogunato toma como modelo, ainda, o antigo governo militar de Yoritomo Minamoto. O corpo administrativo, porém, *“é uma ampliação daquela que os Tokugawa mantinham na qualidade de daimyo de Mikawa. A estrutura do bakufu se torna mais complexa, porém tem muito dos regimes militares anteriores na sua feição prática.”* (YAMASHIRO, 1997, p. 176)

Com o Shogunato imposto, o Japão entraria em um período de paz e uma possível prosperidade. Houve melhoria nas condições de vida, não ocorreu enriquecimento, mas a população vivia melhor do que no período das guerras civis. E é devido à esse período de paz que essa prosperidade se firmou.

Internamente, a paz e o disciplinamento dos daimyo geraram prosperidade crescente, estabilidade e segurança. Havia, é claro, crises eventuais provocadas por má colheitas e, a partir de 1750, aproximadamente, as fomes se tornaram mais frequentes, provocando levantes populares. O povo, como um todo, não se tornou rico. Mas vivia melhor que antes. Desapareceram a pilhagem, o estupro, o

incêndio de aldeias pela soldadesca. Em regiões isoladas podia haver banditismo esporádico, mas nas estradas do Japão homens – e também mulheres – caminhavam confiantes, sem necessidades de escoltas, comboios ou caravanas. (SETTE, 1991, p. 47).

Não há espaço, nesse trabalho, para analisar a estruturação do corpo administrativo do bakufu, ou aprofundar em suas políticas econômicas. Buscaremos elencar pontos e fatores que contribuiriam para a queda do Shogunato e a Restauração Meiji para aí, apresentarmos os personagens presentes no mangá estudado.

A CONSTRUÇÃO DO ISOLAMENTO JAPONÊS

Cabe destacar, como uma das principais políticas do governo dos Tokugawa, o isolamento japonês do mundo. O regime começou buscando o isolamento e, portanto, o fim do isolamento foi o fim do regime. *“A intrusão dos europeus e do cristianismo numa sociedade que estava saindo de décadas de guerras internas provocou uma reação violenta [...], pois está aparentada com fenômenos da expansão imperialista e religiosa da Europa.”* (SETTE, 1991, p. 14 – 15).

Os primeiros contatos ocidentais com os japoneses ocorreram por volta de 1542, e é desse período que temos a primeira menção ao termo “Navios Negros”, em japonês “*kurofune*”. A partir de então, todos os navios ocidentais passaram a ser considerados, pelos japoneses, como “*kurofune*”, ou Navios Negros, que foram retomados para se referir à frota de Matthew Perry. Os portugueses foram os responsáveis por esse primeiro encontro, e foram eles, também, que levaram as primeiras armas de fogo, mosquetes, para as terras nipônicas. Fruto das expansões marítimas, o relacionamento luso-nipônico começou com a tentativa de comércio e com a chegada dos missionários católicos, principalmente, os jesuítas. *“No Japão, como no Brasil, os jesuítas acompanharam a vanguarda da força mercantil e colonizadora.”* (SETTE, 1991, p. 15). E logo começaram as conversões ao catolicismo. Pouco tempo depois, chegaram ao Japão os espanhóis e foi estabelecido um espírito competitivo, tanto na catequização como no comércio entre os ibéricos. Os portugueses fixaram-se na ilha de Kyushu, fundando uma feitoria na baía de Nagasaki, que se tornaria o principal porto para os ocidentais. Os embates entre os jesuítas portugueses e os franciscanos espanhóis eram cada vez mais frequentes. Em 1580, os jesuítas receberam poderes extraordinários sobre a cidade, conferidos pelo próprio daimyo local, convertido ao catolicismo anos antes.

Os próximos ocidentais que chegaram ao Japão foram os holandeses, em 1600, seguidos por alguns poucos ingleses, em 1613. As duas nações europeias enfrentaram *“dificuldades criadas pelos portugueses de Nagasaki e acomodadas temporariamente em portos não muito distantes. A empreitada dos ingleses não perdurou, sendo abandonada em 1623, mas os holandeses haviam chegado para ficar.”* (SETTE, 1991, p. 18).

Desavenças entre católicos e japoneses estavam se tornando frequentes. Perseguições aos budistas e xintoístas eram realizadas pelos missionários e praticantes católicos. E em 1587, preocupações maiores surgiram, obrigando o então regente do Japão, Hideyoshi Toyotomi a reagir.

Hideyoshi acusou os padres de comprarem escravos no Japão, destruírem templos budistas e comerem a carne de cavalos e bois, prática gastronômica abominável aos japoneses de então, cuja parcimônia no consumo de carne animal tinha sido reforçada pelas proibições budistas. Pretextando essa soma de horrores, Hideyoshi restringiu a pregação do cristianismo e deu vinte dias para que os missionários deixassem o país. (SETTE, 1991, p. 21).

Porém os jesuítas gozavam de alguns privilégios especiais, cedidos em 1580, e se retiraram para Nagasaki. Hideyoshi estava ocupado com outras preocupações e voltou a tolerar a presença e as ações dos missionários. Mas no governo Tokugawa as perseguições aos cristãos se intensificaram novamente, e trouxeram como consequência o isolamento japonês em relação ao mundo. O auge das perseguições se deu a partir de 1633, no governo do neto de Ieyasu, Iemitsu Tokugawa, o terceiro shogun. *“Nesse ano foi promulgado novo édito que, pela via da exclusão de qualquer contato entre os japoneses e o mundo exterior, completou e expandiu as medidas de perseguição e proscrição do cristianismo.”* (SETTE, 1991, p. 22). Suas principais medidas resumiam na pena de morte para japoneses que deixassem o Japão sem permissão; pena de morte para qualquer japonês que residiu em país estrangeiro e regressasse ao Japão; pena de morte para quem fosse responsável pela partida de porto japonês para qualquer outro porto estrangeiro, etc. Aos estrangeiros, as medidas de exclusão eram direcionadas aos missionários e ao cristianismo. Aos mercadores era permitido o tráfego, desde que não trouxessem missionários ou propaganda religiosa em suas embarcações.

A revolta de Shimabara foi o estopim para a emissão da ordem final que acabaria com o comércio e todo e qualquer contato com o catolicismo. Shimabara foi um incidente dotado

de ideias e símbolos católicos que permeavam a mentalidade da população local, que pegaram em armas e se revoltaram contra a perseguição aos cristãos. Com o discurso simbólico e imaginário, o cristianismo provou que era uma arma efetivamente perigosa contra o novo bakufu Tokugawa.

O cristianismo havia provado que não era apenas potencialmente subversivo, mas que era capaz de criar revoluções reais. A aplicação de todas essas medidas, além de acabar com a catequese, tornou praticamente impossível a saída de japoneses do país e limitou o comércio exterior ao tráfico praticado pelos chineses e holandeses. Nagasaki tornou-se o único porto onde a presença desses estrangeiros era permitida. (SETTE, 1991, p. 23).

O isolamento japonês estava decretado e altamente vigiado. Essa medida traria consequências cruciais que vão culminar com o fim do Shogunato, pois isolou o Japão física e culturalmente do mundo, limitando e postergando o seu acesso ao desenvolvimento tanto do pensamento quanto os avanços tecnológicos das revoluções industriais. O único país a permanecer com uma feitoria em Deshima, próxima a Nagasaki, foi a Holanda. As restrições eram rigorosamente respeitadas pelos comerciantes holandeses, que preferiam a certeza do lucro que morrer. O controle da entrada dos livros e manuscritos provenientes de Deshima eram severamente observados. A presença holandesa e a propagação, por eles, dos conhecimentos ocidentais, vão ter um importante papel na Restauração Meiji, os chamados “estudos holandeses”.

O Shogunato Tokugawa perdurou por cerca de 300 anos. Entretanto, o gênio de um Ieyasu, ou a capacidade política de seu neto Iemitsu, (1603-1615) não eram coisas que se transmitiam pelo sangue, assim, entre altos e baixos muitos Tokugawa tiveram uma administração medíocre ou mediana. A crise do bakufu ocorreu com a abertura dos portos e a mudança da estrutura política e administrativa que haviam sido consolidadas ao longo do período do Shogunato.

A CRISE DO BAKUFU E O FIM DO ISOLAMENTO

Nesse momento, retomaremos a linha de pensamento sobre a abertura dos portos do Japão. Como foi dito, o ponto alto do processo para o fim do isolamento japonês se deu no episódio conhecido com a chegada dos Navios Negros. Uma frota com navios dotados de artilharia

moderna, força que representava uma fração considerável das disponibilidades da marinha americana daquele momento. A missão de Matthew Perry teve êxito, principalmente, devido ao aparato bélico de que dispunha, e não por uma conversa diplomática como seu título de Comodoro indicava. Ele deixou claro que bombardearia Edo se suas exigências não fossem sumariamente atendidas. Portanto, o governo do Shogunato optou por evitar o derramamento de sangue. Em cerca de um mês os tratados entre o Shogun e os Estados Unidos foram assinados, concedendo direitos para o país americano sobre as ilhas do Japão. *“Pelos termos do acordo, Hakodate e Shimoda, dois pequenos portos, eram abertos à bandeira dos Estados Unidos para o fornecimento de provisões e para um comércio limitado. [...] Outras concessões foram deixadas para negociação posterior.”* (SETTE, 1991, p. 62).

Em seguida aos americanos vieram outros: britânicos, russos, holandeses, legitimando seus tratados a partir da brecha aberta pelos Estados Unidos, e forçaram tratados, muitos dos quais com teor humilhante para os orgulhosos japoneses. Se o Shogunato esperava ter saciado a sede das potências estrangeiras cedendo a esses acordos, não pressentiram o estrago interno provocado e o ressentimento acumulado entre os próprios japoneses. Os americanos se impuseram, e abririam de forma plena o país ao comércio internacional, e um novo momento histórico começou a se desenhar.

De maneira sintética, podemos indicar que o Japão passou por uma crise de sucessão de Shogun, que não cabe detalhar neste artigo. Este episódio foi interpretado como a fraqueza e fragilidade do Shogunato. Pela primeira vez foram realizadas discussões “públicas” em que a corte imperial e outros daimyo, não pertencentes a família principal dos Tokugawa, participaram das decisões do Estado. Como efeito, aos olhos dos grandes senhores japoneses, o bakufu perdera seu prestígio. Naosuke Li (1815 – 1860) foi nomeado para ser o chefe do Conselho de Ministros, e teria um papel fundamental na abertura política e comercial japonesa, porque assinou, secretamente, um acordo com o cônsul americano, Townsend Harris. Esse acordo fora previamente idealizado pelo predecessor de Li e a corte imperial. Ele tinha conhecimento desse acordo e o colocou em prática. O Japão foi definitivamente aberto para as demais potências europeias, com cláusulas que limitariam ainda mais o controle japonês sobre suas tarifas alfandegárias.

A abertura eminente do Japão ao mundo trouxe a ruína ao sistema shogunal de governo. Disputas internas entre Tokugawas e demais daimyo, que apoiavam o candidato de

Naosuke Li para o novo Shogun, culminariam em diferenças de ideologias políticas, sendo que algumas delas foram a base para a restauração do imperador ao poder. Suscintamente, podemos resumir que a partir da vitória do golpe de Li, os daimyo contrários a ele foram forçados a abdicar em favor de seus herdeiros, outros foram exilados e alguns mortos.

A RESTAURAÇÃO DA MONARQUIA: RESTAURAÇÃO MEIJI

Com o fim da principal política do Shogunato, o isolamento, existente ao longo dos quase 300 anos de paz que essa política proporcionou estavam por acabar, e a crise do bakufu era uma questão de tempo. O fim do isolamento com a abertura para as potências europeias e os Estados Unidos foi extremamente sentida pelo fato do Japão e dos japoneses não estarem preparados para o contato com o ocidente. O Japão estava frágil e, novamente, um mar de sangue emergiu.

As regiões de Satsuma, Tosa, Choshu, eram pouco ligadas ao Shogunato Tokugawa desde o início. Eles foram os vencidos na batalha de Sekigahara (1600), e mantinham um sentimento de revanchismo e vingança contra o governo dos Tokugawa. O “Saber da Holanda” ou “Estudos Holandeses” tiveram importante papel na formação do pensamento dos líderes dessas regiões. Seria interessante, porém extenso, apontar e analisar esses aspectos, assim, pretendo explorar este tema em um outro artigo.

Choshu e Satsuma conspiraram com Sanemi Sanjo e outros membros da corte de Kyoto que planejaram derrubar o bakufu. “*Querem em suma a total transformação do regime político com a volta do governo imperial.*” (YAMASHIRO, 1997, p. 216). Choshu era mais extremista que os outros, pois queria expulsar os ocidentais totalmente, assim, procurou e obteve uma ordem do imperador para expulsar os estrangeiros do país. Com o aval do imperador e uma data proferida para começou a expulsão, Choshu passou a canhonear todos navios estrangeiros que atravessassem o estreito de Shimonoseki. Esse ato gerou um grave caso diplomático. Em 1864 uma esquadra combinada da marinha americana, inglesa, francesa e holandesa bombardeou a cidade de Shimonoseki, infligindo pesada derrota à Choshu. Na mesma época, Satsuma, extremo sul da ilha de Kyushu, foi igualmente atacado por navios ingleses, após o assassinato de um súdito de sua majestade britânica. “*Depois dessas amargas experiências, tanto o feudo de Satsuma como o de Choshu mudam de opinião e tornam-se*

defensores da ideia do franqueamento dos portos para o comércio exterior”. (YAMASHIRO, 1997, p. 216).

A partir de então, tanto Choshu quanto Satsuma começaram a modernização de seus exércitos, importando armas e outros artigos bélicos da modernidade ocidental. A Inglaterra percebeu que o Shogun perdia o poderio político e procurou aproximar-se de Satsuma e Choshu, os líderes do movimento de restauração do poder monárquico. Os samurais de menor grau também estavam insatisfeitos com o sistema político e principalmente com o econômico do Shogunato. Os *bushi*, a classe guerreira (samurai), não podia continuar a manter a sua vida na dependência exclusiva do trabalho de camponeses. Por isso, uniram-se, em sua maioria, aos feudos de Satsuma e Choshu.

A fase crítica se iniciou com o assassinato de pessoas do alto escalão do Shogunato, com o intuito de minar cada vez mais as forças do decrépito bakufu. Takamori Saigo, Toshimichi Okubo, Shinsaku Takasugi, Koin Kido, foram os nomes dos maiores e mais influentes líderes do movimento anti-Shogunato. Quando a luta estava no seu auge (1866), o Shogun Iemochi e o imperador Komei faleceram. O bakufu rendeu-se e a luta cessou. *“Sobe ao trono o jovem imperador Meiji, com 14 anos de idade, que irá dirigir os destinos do Japão, num dos períodos mais brilhantes de sua história.”* (YAMASHIRO, 1997, p. 127).

O movimento pelo fim do Shogunato e a volta da monarquia ganhou novo impulso. No começo, Satsuma tentava conciliar os interesses do imperador e do Shogunato, mas, ao perceber que o bakufu não dispunha de nenhuma força moral ou política capaz de orientar a opinião nacional, dedicou-se a campanha de destruição do regime shogunal.

Lideram esse movimento, Takamori Saigo e Toshimichi Okubo. Dentro da Corte trabalham com o mesmo objetivo vários kuge, destacando-se entre eles Tomomi Iwakura. Também Takayoshi Kido, de Choshu, desempenha papel saliente na campanha restauradora. Debilitado em sua própria estrutura interna, o bakufu não tem força para deter a correnteza. Shojiro Goto, de Tosa (hoje Kochi-ken), aconselha a transferência do poder político das mãos do shogun para o imperador. (YAMASHIRO, 1997, p. 217).

Choshu e Satsuma estavam com os exércitos preparados, à maneira ocidental, mostrando sua superioridade na luta contra o exército do Shogun, para derrubar à força o bakufu. *“Mas Yoshinobu Tokugawa, guinado ao poder como 15º Shogun, oferece-se espontaneamente, a conselho do ex-feudatário (daimyo) de Tosa, Toyoshige Yamanouchi*

para entregar as rédeas governamentais ao soberano (outubro de 1867).” (YMASHIRO, 1997, p. 217).

A oferta foi aceita e o poder político voltou às mãos do imperador. No dia 3 de janeiro foi proclamado oficialmente a Restauração Plena da Monarquia. Terminou a Era do Shogunato dos Tokugawa, que vigorara por 264 anos e teve 15 Shogun.

E, no terreno puramente político, desenvolve-se o movimento restaurador da monarquia que, com vigor crescente, ganha terreno, até afinal dar o tiro de misericórdia no decrépito regime shogunal, símbolo do feudalismo centralizado. Depois da longa noite feudal, nasce a aurora da Reforma Meiji, que conduz o Japão a uma época de veloz crescimento. (YAMASHIRO, 1997, p. 222).

Chegamos aqui, portanto, no período retratado pelo mangá, o documento principal desse artigo. Com a restauração da monarquia ao poder político, uma série de medidas e reformas foram tomadas. Dentre elas estabeleceu-se a rápida e frenética ocidentalização, como também, a abolição das castas, *“não há mais restrições quanto à escolha de profissão ou carreira, qualquer súdito de sua majestade pode atingir os cargos mais elevados do país”*. (YAMASHIRO, 1997, p. 229), o que se manteve foi uma distinção social, além do estabelecimento do sistema educacional; entre outras coisas. *“Uma reforma como a de Meiji acarreta enorme série de transformações que, por tão numerosas, dificilmente podem ser enumeradas em seu todo.”* (YAMASHIRO, 1997, p. 230).

Com as diretrizes do novo governo fundadas e alicerçadas nos moldes da modernidade ocidental, fazendo com que paulatinamente as tradições e cultura japonesas fossem sendo transformadas, revoltas dos que ainda eram pró Shogunato ocorreram, resistindo às mudanças dos valores e tradições. Entre 1868 e 1869 ocorreu a Guerra Boshin, que foi uma reação à Era Meiji. Mais tarde, no ano 10 da era Meiji (1877) uma outra guerra eclodiu, a de Seinan, e mais uma vez as forças do Imperador foram vitoriosas. Como medida preventiva e punitiva, o governo Meiji decretou que os samurais estavam proibidos de andarem com uma espada na cintura, numa tentativa de matar o espírito samurai.

A Era Meiji foi instaurada com a promessa de garantir a melhoria da condição de vida de todos os japoneses. Mas o que podemos perceber é a frustração da população diante das promessas não cumpridas e a permanência de um sistema desigual e desleal, mantendo uma ordem que beneficiava apenas parcelas da população. No mangá analisado, percebemos esse

enfoque sobre as frustrações e resistências ao novo tempo. Discursos descontentes com a gestão Meiji somam-se à percepção de que o espírito bushi estava fadado ao banditismo e ao vandalismo, e negava a glória e o orgulho passado. Outro tema aparece na frenética ocidentalização na cultura, que foi ilustrada a partir da presença das comidas, vestimentas, e no trem-a-vapor. Nesse ponto a análise de alguns personagens ocorre para enfatizar que no Ano 11 da Era Meiji (1878) permanecem elementos do Shogunato, além de existirem as promessas de futuro da nova era concorrendo em meio ao cotidiano da sociedade japonesa.

ANÁLISE DAS PERSONAGENS

A transição do Shogunato para a Era Meiji foi um processo que deixou muitas marcas, não somente históricas como também no imaginário cultural. As feridas do Bakumatsu são tão profundas que podemos destacar três personagens do mangá que parecem representar cada um dos períodos desse evento, são eles: Kenshin Himura, Hajime Saitou e Aoshi Shinomori.

Kenshin Himura é o herói do mangá, um homem que proibiu a si mesmo de voltar a matar pessoas. Na verdade, ele é Battousai, o Retalhador, um dos monarquistas que abriu caminho para uma nova era na história do Japão durante o Bakumatsu. Entretanto, Kenshin abandonou as batalhas e se tornou um pacífico andarilho. Depois de 10 anos peregrinando pelo Japão, o Battousai encontra no Dojo Kamiya, da bela e explosiva Kaoru, o lar que nunca teve. Sua fama e seu passado, porém, jamais o abandonaram, o que faz com que velhos e novos inimigos surjam para desafiar o lendário Retalhador. Para manter a sua promessa de não matar e ainda proteger seus amigos, o herói carrega consigo uma Sakabatou (espada de lâmina invertida), com a qual enfrenta seus novos desafios.

Kenshin luta para defender as pessoas ao seu redor e aquilo que acredita ser a verdade: proteger a felicidade das pessoas nessa nova Era. Acreditamos que sua representação está fundamentada no ideal de futuro da Era Meiji, ele simboliza a projeção de um futuro de modernidade e prosperidade. Ele tenta se livrar do passado e por isso torna-se um “*rurouini*”, porém, esse passado persiste e é retomado em vários momentos nos arcos da história de Kenshin. Interpretamos que o personagem passa por uma saga de superação do passado, e busca constituir uma família, assim, ele se volta para o futuro ao ter um filho com Kaoru. Lembremos, entretanto, que esta representação foi realizada na década de 1990, ano da

publicação do mangá no Japão, e nos é curiosa esta retomada histórica e os ideais projetados que ela carregou particularmente neste personagem.

Enquanto Kenshin representa um novo tempo, Aoshi Shinomori se mantém preso ao passado do Shogunato. Aoshi fez parte do *Oniwabanshuu*, um grupo de ninjas, encarregados de protegerem secretamente as mansões e os castelos dos *daimyo* e do *Xogun*. Um homem orgulhoso, analista e frio, cuja frustração é não ter lutado oficialmente no final do Shogunato. Como Watsuki diz no *making of* do personagem “*O Oniwabanshuu é o shinsengumi que não pôde lutar, ou seja, uma organização que virou perdedor sem que pudesse mostrar o seu valor, os seus princípios ou os seus ideais.*”. Sua busca ocorre porque ele se sente responsável por seu grupo, e pretende encontrar um momento para o destacar na história japonesa. Recusa-se a abandonar o seu grupo de *oniwabanshuu*, a lealdade e frustração com o passado o perseguem e o atormentam, carregando o ressentimento de situações mal ou não resolvidas. Mas em um evento da história os integrantes enfrentam Kenshin e seus amigos, e perecem em batalha honrosa, com a exceção de Aoshi que jura vingança.

Percebemos em Aoshi a representação da permanência do Shogunato, pois evita abandoná-lo. Ele busca o consolo de suas frustrações na luta pela obtenção do título de mais forte do Bakumatsu para honrar o *oniwabanshuu*. Por isso, propõe-se a meta de derrotar o Battousai, pois este não somente era lendário como também foi considerado o mais forte do final do Shogunato. Portanto, os sentimentos referentes a Aoshi estão ligados à permanência do momento histórico anterior que não foi superado apesar de já se vivenciar uma nova Era, a Meiji. Frustração, ressentimento, mágoa, toda esta negatividade faz parte da construção de sua trajetória, até a superação e transformação de seus valores a serem adaptados para o novo momento que se constrói.

Enquanto Kenshin e Aoshi podem ser os extremos da Restauração Meiji, Hajime Saitou catalisa justamente a representação da transição. Hajime Saitou é baseado em um personagem histórico real, foi o capitão da 3ª Divisão do Shinsengumi, uma tropa sob comando direto do Xogunato, formada para proteger a cidade de Kyoto, que havia se transformado no palco dos assassinatos promovidos pelos monarquistas. Após a Restauração e com a vitória dos monarquistas, Saitou se torna um policial do governo Meiji.

Apesar de controverso, Saitou agora defendia os mesmos monarquistas contra quem ele lutou durante o Bakumatsu. Ele e Kenshin são antigos rivais, porém, com o advento da

Saga de Kyoto contra Makoto Shishio, acabam por atuarem juntos na missão secreta do Governo Meiji de eliminar Shishio (que pretende destruir a Era Meiji e derrubar o imperador). Interpretamos que Saitou é a representação da transição do Bakumatsu para a Era Meiji, ele era um homem que lutava pelo Shogunato, mas com o fim deste acaba por ingressar na Polícia Metropolitana de Tóquio como subdelegado e com o nome de Gorou Fujita. Na verdade, a atuação dele como policial era a mesma que o Shinsengumi tinha no Bakumatsu, proteger o governo, ou seja, ele é o homem da ordem e da defesa permanente da institucionalidade. Podemos supor que o fato dele ser a personificação da transição, ele mantém vínculos com o passado mas adapta seus ideais aos novos tempos, e busca em Kenshin a contribuição para a consolidação da Era Meiji, e por isso ele quer o retorno do Battousai Retalhador, pois busca a presença e o apoio do homem que foi o samurai lendário.

O ato de ele mudar de nome também pode ser considerado como uma tentativa de recomeçar com a nova Era Meiji. Hajime Saitou é um homem do seu tempo, que luta pela permanência da ordem social, nem que para isso utilize de recursos controversos. Outra questão que podemos indicar é o fato de Saitou desistir de uma luta decisiva com Kenshin, pois percebe que o mesmo não era mais o Battousai, mas sim um rurouni que abandonou o passado e vivia na nova Era Meiji. Após se dar conta disso, Hajime Saitou nunca mais é visto pelo grupo dos protagonistas, e desaparece em plena Era Meiji.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O que pretendíamos com esse trabalho era demonstrar que a representação elaborada no mangá “*Rurouni Kenshin – Crônicas da Era Meiji*”, de Nobuhiro Watsuki, retorna ao processo conturbado de construção da Era Meiji. Nossa preocupação neste artigo foi perceber em como o ideal de modernidade contraposto ao da resistência da tradição do Shogunato foram ali representados. Indicamos que no mangá há elementos da construção, como também, de frustração de um Japão mais moderno, mas sem ilusões quanto a retomada idealizada do passado Shogunato. Este deve ser superado sem ser negado ou vilanizado, como demonstra a saga dos personagens analisados. A construção histórica do Japão Moderno, desde o processo de centralização administrativa e política ao longo do tempo, e da especificidade de sua história e cultura, constituem as base de nossas curiosidades neste artigo. Portanto, compreender o papel desempenhado pelos personagens de Kenshin, Saitou e Aoshi, está

intimamente relacionado ao que foi o fim do Shogunato até a Restauração Meiji. Entretanto, cabe destacar que o ponto de vista a nortear esta interpretação, como ainda, da construção da trama do mangá, estão no presente de sua produção, qual seja, nos anos 1990, portanto, no momento de publicação e circulação do mangá. Assim, a interpretação dos valores e da história da consolidação da Era Meiji, em “*Rurouni Kenshin – Crônicas da Era Meiji*”, de Nobuhiro Watsuki, está intimamente ligada ao momento de sua elaboração. Kenshin, Saitou e Aoshi são representações elaboradas em nosso presente sobre o passado japonês, e a este presente que ainda deveremos nos ater em outro momento da pesquisa.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos avançados. 11 (5), 1991.

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

EISENSTADT, S.N. **A Japanese Civilization: A Comparative View**. The University of Chicago Press Chicago and London. Chicago, 1996.

ODA, Ernani. **INTERPRETAÇÕES DA “CULTURA JAPONESA” E SEUS REFLEXOS NO BRASIL**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 26 N° 75, São Paulo, 2011.

SETTE, Luiz Paulo Lindenberg. **A Revolução Samurai**. Massao Ohno Editor, São Paulo, 1991.

YAMASHIRO, José. **Japão: Passado e Presente**. Aliança Cultural Brasil-Japão, 3ª Edição, São Paulo, 1997.

FONTE

Mangá

WATSUKI, Nobuhiro. **Rurouni Kenshin – Crônicas da Era Meiji**. Editora JBC, VOL. 1 à 28, São Paulo, 2012.